

Matérias do Setor

Ampliação do direito antidumping do PVC encarecerá produtos de plástico

Impacto da medida é grande na economia, pois os plásticos estão presentes em praticamente toda a indústria e em numerosos bens de consumo

Apesar de estar vigorando há quase 20 anos, o direito antidumping aplicado ao PVC foi aumentado para 16%, sob o argumento de estar sendo restaurada a sua eficácia. Segundo a Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast), a medida beneficia apenas os poucos produtores nacionais do produto, que podem manter cativo o mercado interno, praticando preços mais elevados do que os vigentes no mercado internacional.

Os produtores de manufaturas e semi-manufaturas produzidas com PVC são inviabilizados de poder se utilizar de fontes alternativas de suprimento a preços mais compatíveis, diminuindo sua competitividade no mercado internacional e aumentando sua vulnerabilidade em relação ao produto importado.

Convém ressaltar que os altos preços do PVC nacional amparados por tal medida resultam de imediato no aumento dos custos dos produtos transformados de plásticos e, conseqüentemente, geram um componente inflacionário muito importante, obrigando o repasse de preços, pois não há outra alternativa para se manter no mercado”, afirma o presidente da Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho.

Os segmentos industriais atingidos pela medida, como reconhece o próprio governo, são sensíveis e importantes para o desempenho da economia nacional: construção civil, indústria automotiva, embalagens, irrigação e transportes. São setores que utilizam em larga escala o plástico transformado.

Essa situação comprova que manter um setor industrial altamente protegido e isolado de uma realidade de mercado em nada contribui para o desenvolvimento e crescimento industrial. Após quase 20 anos tendo o mercado nacional fechado, a indústria nacional produtora de PVC continua apresentando a mesma debilidade e utilizando dos mesmos recursos para ter melhores resultados econômicos e financeiros. O que é mais crítico, essa mesma indústria atualmente carece de condições adequadas de suprimento pleno do mercado interno e ela própria recorre à importação para atender a demanda nacional.

Se queremos ser competitivos, temos de nos estruturar e buscar eficiência, não podemos nos esconder atrás de proteção de mercado eternamente. Proteger monopólios de matéria-prima tira a competitividade da cadeia produtiva como um todo, apenando os setores que mais agregam valor e emprego e, sobretudo, transferindo o custo de proteção para o bolso da sociedade”, finaliza o presidente da Abiplast.

Fonte: Abiplast (Associação Brasileira da Indústria do Plástico)

Preços de Resina Plásticas na contramão do mercado internacional

As empresas brasileiras de transformação de material plástico receberam nos últimos dias anúncios de reajustes de preços das matérias primas plásticas a ser aplicado logo nessas primeiras semanas de outubro, sob o argumento de que estariam ajustando seus preços as recentes mudanças no Câmbio.

A Braskem, principal fornecedora de Polietilenos, Polipropileno e de PVC, anunciou aumentos na ordem de R\$700/ton e a DOW (que embora esteja localizada na Argentina, também é favorecido pelas altas taxas de importação no MERCOSUL) soltou comunicado de reajuste de

R\$600/ton nos preços dos polietilenos comercializados pela empresa no Brasil, reajustes esses que seguem um aumento já aplicado em setembro de cerca de 5%.

Essa movimentação de preços de resinas no mercado brasileiro está totalmente fora do contexto internacional, uma vez que não há nenhum sinal no mercado de alta de preços, pois a demanda mantém-se estagnada por uma crise de dimensões ainda não estimadas, e os preços tanto do petróleo, quanto dos insumos utilizados para fabricação das resinas estão em queda. Quantificando essas movimentações verifica-se que no final de setembro o preço do petróleo BRENT recuou 3,5% em comparação com 04 semanas anteriores e nesse mesmo período o eteno apresentou no período redução de 10% no mercado europeu, 17% no americano e 4% no asiático, e o polietileno também registrou similarredução, de 9% na Europa, 6% nos EUA e 3% na Ásia.

Em se tratando do propeno, matéria prima para o Polipropileno, e do PVC, os movimentos internacionais de preços foram similares. Somente no Brasil o movimento foi inverso, registrando uma alta média de 5% e anúncios de mais praticamente 15% para outubro. Os polietilenos, polipropilenos e PVC são matérias primas utilizada pela indústria de Transformação Plástica para fabricação de produtos como embalagens de alimentos, Bebidas, limpeza, produtos para uso na agroindústria (embalagenssementes, fertilizantes, lonas, telas, etc), produtos de construção civil, embalagens farmacêuticas e aplicações médicas, Brinquedos, autopeças, Utilidades domesticas, peças para produtos eletrônicos, entre outras infinidades de itens consumidos no dia-a-dia por toda sociedade.

Essas altas de preços de matérias primas, em desajuste com a realidade nacional e internacional são reflexos de uma política que favorece unicamente o monopólio de resinas, que já pratica no mercado brasileiro preços cerca de 35% mais altos do que os internacionais por conta da proteção contra importações dada por uma alíquota de 14% potencializada por direitos antidumping de PVC e PP que mantém cativa a demanda nacional ao monopólio da petroquímica. No longo prazo esta situação trará enormes efeitos negativos na cadeia produtiva dos Plásticos, inclusive na Indústrias produtoras de Resinas.

Segundo José Ricardo Roriz Coelho, Presidente da ABIPLAST, "esta situação somente amplia as pressões inflacionárias no mercado brasileiro, diminuem a competitividade e aumenta a vulnerabilidade da indústria brasileira de transformação do plástico, um importante setor industrial que além de agregar valor à matéria prima é o 3º maior setor empregador da indústria brasileira, que trabalham em cerca de 12.500 empresas produzindo em todos estados brasileiros".

Fonte: IN Investimentos e Notícias

Brasil reciclou 953 mil toneladas em 2010

Pesquisa aponta que, em 2010, foram reciclados no Brasil 19,4% dos plásticos pós-consumo, ou seja, 953 mil toneladas. Em 2009, a marca foi de 17,9%. O levantamento, encomendado pelo Plastivida Instituto Sócio Ambiental dos Plásticos, mostra que a Região Sudeste foi a que mais reciclou (60%), seguida das Regiões Sul (26%), Nordeste (11%), Centro-Oeste (2%) e Norte (1%). As recicladoras faturaram, juntas, R\$ 195 bilhões e geraram 18,3 mil empregos diretos.

Fonte: O Estado de S.Paulo

Boeing aposta no futuro do composto de plástico e fibras

Os aviões feitos de alumínio encontraram o seu mais forte concorrente: no futuro, mais e mais pessoas vão viajar em aeronaves fabricadas de plástico reforçado com fibras de carbono. Essa é a aposta da Boeing com o seu 787 Dreamliner, cuja primeira unidade foi entregue há duas semanas, para uma companhia aérea japonesa, a All Nippon Airways (ANA). "A Embraer vai fabricar um avião de material composto em poucos anos", prevê Ed Stegall, da Boeing, referindo-se à mistura de plástico reforçado com fibras de carbono usada no 787 Dreamliner.

Ele trabalhou no projeto e agora treina técnicos para fazer reparos no novo material. "Em 15 anos, essa será a tecnologia dominante no mercado."

Nos últimos anos, grandes fabricantes de avião do mundo inteiro, incluindo a Embraer, passaram a usar peças feitas de material composto em seus aviões, que promete torná-los mais leves e prometem mais resistência e durabilidade. A Boeing deu um passo mais radical. O 787 Dreamliner é 60% feito com o novo material, incluindo quase todo o corpo do avião. Graças também a motores mais eficientes e inovações no desenho, o novo avião consome 20% menos combustível do que os concorrentes.

Também promete durar mais de 40 anos, o dobro dos aviões convencionais, porque o material composto não corrói como o metal. A promessa da Boeing é, sobretudo, um avião mais confortável. A cabine terá um teor mais alto de umidade, reduzindo indisposições físicas causadas pela secura, o que era difícil nos aviões tradicionais, pois água corrói metais. As janelas do 787 Dreamliner são maiores porque o material composto é mais resistente, enquanto que nos aviões de metal as janelas são mantidas ao mínimo para evitar fissuras.

Fonte: Valor Econômico.

Jundiaí ganha máquinas de venda reversa para retornar embalagens

O município de Jundiaí (SP) foi escolhido para a implantação do projeto-piloto de recolhimento de embalagens PET da Schincariol por meio de máquinas de venda reversa (foto). Seis máquinas foram colocadas em três supermercados da rede Boa para que os clientes depositem as embalagens PET de qualquer marca. Em troca, eles recebem cupons com um código de barras, que dão desconto na compra de água da marca Schin.

"É um piloto para encontrar um modelo de recolhimento que atenda à Política Nacional dos Resíduos Sólidos", esclarece Anderson Machado, gerente de segurança, saúde e meio ambiente da Schincariol.

A responsável pela importação das máquinas e sua administração é a Susten Trading, que trouxe a ideia da Alemanha.

"Primeiro, é preciso tornar o descarte pela máquina um hábito do consumidor. Todo mundo ganha, até mesmo a empresa patrocinadora, que pode usar a máquina como canal de mídia para divulgar sua marca", diz o diretor Felipe Kurc.

Fonte: O Estado de S.Paulo

Brasil é destaque em evento da Dow Chemical para investidores em NY

O Brasil foi um dos destaques do Dia do Investidor Dow, realizado pela Dow Chemical, em Nova York. Projetos da subsidiária brasileira foram apresentados a investidores e acionistas nos Estados Unidos. Um dos destaques ficou com a joint-venture entre a Dow e a japonesa Mitsui, para soluções em plástico a partir do etanol. O projeto foi apresentado pelo presidente da Dow para a América Latina, Pedro Suarez. A fábrica deve ficar em Santa Vitória (MG) e será o maior investimento da companhia no Brasil.

Fonte: coluna Guilherme Barros, no portal IG.

Brasil recicla 20% do plástico usado, diz pesquisa

Pouco mais de 19% dos plásticos consumidos no país foram reciclados no ano passado, segundo estudo da consultoria especializada MaxiQuim. No ano anterior, a parcela era de 17,9%. O Brasil fica abaixo de países como Alemanha (34%), Suécia (33,2%) e Bélgica (29,2%). O índice brasileiro não chega a ser considerado baixo porque se refere à reciclagem mecânica, que é a transformação para reaproveitamento do produto. A capacidade instalada da indústria de reciclagem, de 64,5%, ilustra o potencial do país, na esteira da Política Nacional de Resíduos Sólidos sancionada pelo governo no ano passado. Menos de 10% dos municípios brasileiros, porém, possuem coleta seletiva estruturada, segundo o presidente da Plastivida (associação do setor), Miguel Bahiense. "Depende de outros fatores, além da preparação da indústria, como a consciência da população e a coleta das prefeituras", diz. Entre os setores que mais consomem os reciclados plásticos estão têxteis, produtos domésticos e calçados.

Fonte: Folha de S. Paulo (Mercado Aberto).

Lixo 'útil' poupa recursos naturais e energia, mas importação ainda é tabu

A importação de resíduos é estratégica para alguns setores industriais brasileiros, com destaque para a siderurgia, a indústria do alumínio, do papel e do PET. A indústria usa as sobras do processo produtivo em sua cadeia novamente, o que reduz a quantidade de matéria-prima retirada do planeta e as emissões relativas a esse processo.

Mas o tráfico ilegal de lixo considerado perigoso, que entra junto com alguns tipos de resíduo, atrapalha a indústria da reciclagem e perpetua o preconceito contra a importação desse material, considerado pela indústria como insumo. O País importou no ano passado 201.075 toneladas de sucata de ferro, aço e alumínio, resíduos de PET em flocos e aparas de papel. Nos últimos três anos, os flocos de PET entraram a uma média de 10 mil toneladas por ano no país.

As empresas recicladoras no Brasil trabalham com capacidade ociosa de 30%, pois, com o deficiente sistema de coleta seletiva do País, a matéria-prima não chega a elas. "Desde 2008,

esse tráfico ilegal começou a crescer de forma descontrolada. Sabemos que muita coisa entra como resíduos de PET. Venho reclamando há pelo menos cinco anos", diz Auri Marçon, da Abipet. Marçon afirma que não existe uma orientação clara para os órgãos de fronteira de que esse tipo de material tem de ter autorização prévia do governo.

Fonte: O Estado de S.Paulo.

Matérias Nacionais

Abiquim aponta consumo aparente nacional histórico

Os principais índices de volume do segmento de produtos químicos de uso industrial tiveram resultados positivos em agosto de 2011: produção + 2,47% e vendas internas + 9,84%. Tradicionalmente, agosto é um mês de volumes bons no setor, sobretudo em razão de formação de estoques para atendimento da demanda de final de ano, que cresce entre os meses de setembro e outubro. Mas, na comparação com agosto do ano passado, os dados deste ano são negativos.

Com relação ao índice de preços, após 5 elevações consecutivas, o segmento vem registrando deflação nos últimos 2 meses, com resultado de -3,15% em agosto. Tal fato decorre da queda de preços no mercado internacional, parte atribuída à redução da demanda mundial, e também pelo novo cenário de ganhos de competitividade no mercado americano, com o advento do *shale gas*.

O gás nos EUA, que custa atualmente 1/3 do preço praticado no Brasil, está motivando a retomada de plantas, que haviam sido paralisadas no passado, bem como atraindo novos investimentos. De acordo com comunicado da Abiquim, apesar da melhora recente, na média de janeiro a agosto de 2011, sobre igual período do ano passado, o índice de produção apresentou declínio de 4,34% e o de vendas internas teve queda de 3,59%.

Nos primeiros oito meses deste ano, as empresas trabalharam com ociosidade elevada, uma vez que o índice de utilização da capacidade instalada foi de apenas 79%, quatro pontos abaixo de igual período do ano passado. Para um segmento que opera na maioria dos casos em processo contínuo, esse nível de produção é preocupante.

Quanto ao índice de preços, houve elevação de 14,86% nos primeiros oito meses do ano, comparado com igual período do ano passado. Na análise dos últimos 12 meses, encerrados em agosto, sobre igual período imediatamente anterior, o índice de produção foi negativo em 2,21% e o de vendas internas teve recuo de 0,47%.

Fonte: portal TN Petroleo.

Produção industrial recua em 10 dos 14 locais analisados

No mês de agosto, a produção industrial recuou em 10 dos 14 locais pesquisados pelo IBGE. Além de Goiás e Espírito Santo, registraram redução na produção acima da média nacional (-0,2%) Amazonas (-4,5%), Pernambuco (-3,0%), Bahia (-1,9%), Rio Grande do Sul (-1,5%), Pará (-1,2%), Minas Gerais (-1,1%) e região Nordeste (-0,9%). São Paulo, parque industrial mais diversificado do país e de maior peso na estrutura da indústria, apontou variação negativa de 0,1%. Os quatro locais que apresentaram alta na produção foram Paraná (7,0%), Rio de Janeiro (4,3%), Santa Catarina (1,9%) e Ceará (1,5%).

Fonte: Brasil Econômico.

Indústria começa a olhar para final de ano

Após um primeiro semestre com baixas encomendas e um começo de segundo semestre pouco animador, a indústria brasileira de embalagens e plástico começa a perceber os primeiros sinais de retomada de atividade. Nas últimas duas semanas, executivos das empresas de papel e plástico perceberam uma retomada, mesmo que tímida, dos pedidos da indústria para atender à demanda esperada para o final do ano.

Em setembro, período no qual tradicionalmente há aceleração dos negócios por conta das festas de fim de ano, a situação permaneceu praticamente a mesma dos primeiros meses do ano. A reversão aconteceu somente nos últimos dias do mês. No momento em que vários indicadores da indústria mostram dados negativos tanto para agosto como para setembro, a

percepção de executivos desse segmento, composto por fabricantes de peças plásticas e de papéis, pode ser um sinal de respiro da indústria no final do ano.

O setor de embalagens acaba funcionando quase como um indicador antecedente por fornecer para toda a indústria. Tanto que foi um dos primeiros a sentir os efeitos da crise no início do ano. Na oportunidade, a resposta do setor produtivo ao momento econômico foi a postergação de encomendas e maior utilização dos estoques, processo que se prolongou durante todo o 1º semestre.

O ritmo de negócios permaneceu abaixo do desejado entre julho e agosto. Em setembro, quando deveriam começar as encomendas, elas não ocorreram. Só nos últimos dias do mês é que o cenário começou a melhorar. No segmento de resinas, utilizadas para a produção de peças plásticas em geral, inclusive embalagens, também surgiram indícios de ventos mais favoráveis aos negócios. "Ainda não vimos nenhuma aceleração maior, mas percebemos que nossos clientes estão mais otimistas", destaca o vice-presidente da Unidade de Negócios de Polímeros da Braskem, Rui Chammas.

Cauteloso, o executivo da Braskem destaca que ainda não é possível ter uma visão clara de como serão os negócios no final do ano. A única certeza é de que a sazonalidade natural da economia, com ritmo mais acelerado no final do ano, deverá se confirmar.

Fonte: Agência Estado.

Matérias Internacionais

Empresários sugerem que governos da AL se unam contra efeitos da crise econômica mundial

O Brasil e os demais países da América Latina podem ser protegidos dos impactos da crise econômica, segundo empresários. O presidente do grupo brasileiro do Conselho de Empresários da América Latina (Ceal), Ingo Plöger, disse à Agência Brasil que o ideal é que os ministros da Fazenda da região, que se reunirão antes da Cúpula do G20 (grupo que reúne as 20 maiores economias do mundo), na França, busquem parcerias com acordos cambiais e de livre comércio. "Nós temos uma avaliação positiva e com boas perspectivas, apesar de a crise afetar alguns Estados [países] da Europa, os Estados Unidos e o Japão", disse Plöger.

Segundo ele, o crescimento econômico na América Latina deve ficar entre 3% e 4% - percentuais acima da média mundial, que deve ficar entre 2% e 3%. Plöger ressaltou que a crise econômica mundial tem características muito próprias, diferentes das anteriores. "Na verdade, não é uma crise da economia real, mas de Estados que estão em crise e com bancos quebrando. No Brasil e em outros países latino-americanos há um endividamento baixo e bancos fortes", acrescentou.

Plöger disse ainda que é fundamental atrelar o câmbio às moedas de referência – o euro, o dólar ou o yuan (da China) – e também cobrar dos Estados Unidos o fim das subvenções aos produtos agrícolas. Segundo ele, o momento ideal para negociar esses aspectos é agora. "Existem ajustes internacionais que devem ser feitos imediatamente e a Unasul pode fazer isso", lembrou.

Fonte: Agência Brasil.

Dow Chemical e Aramco assinam acordo de US\$ 20 bi

A norte-americana Dow Chemical Co. e a estatal Saudi Arabian Oil Co. (Aramco) informaram terem assinado acordo para construir uma das maiores indústrias químicas da Arábia Saudita. O complexo, orçado em US\$ 20 bilhões, deve começar a produzir em 2015. Ambas as empresas formarão uma joint venture (associação), a Sadara Chemical Co., que será proprietária do complexo a ser construído no deserto saudita, na cidade industrial de Jubail, e que deverá gerar receita de US\$ 10 bilhões ao ano nos anos seguintes à sua conclusão.

As empresas irão investir juntas US\$ 12 bilhões no projeto e parte da Sadara será vendida a investidores numa oferta pública a ser realizada em 2013 ou 2014. O complexo terá 26 unidades industriais e produzirá químicos e plásticos para os setores de energia, transportes e para a indústria de bens de consumo.

Tais produtos, que serão usados em autopeças e embalagens de alimentos, serão vendidos para China, Oriente Médio, Leste Europeu e África. Quando pronto, o local terá capacidade para produzir 3,3 milhões de toneladas de produtos químicos por ano. Com a joint venture, a

Dow prossegue em sua estratégia de diversificação para além da fabricação de plásticos básicos, em direção a materiais especiais, como os utilizados em produtos eletrônicos, entre outros.

Para a Arábia Saudita, o empreendimento permitirá que o país diversifique sua base industrial e reduza sua dependência da produção de petróleo.

Fonte: agências internacionais.

Agenda

NT&TT Show 2011 trará inovações tecnológicas para o mercado

O setor de não tecidos e tecidos técnicos promove no próximo ano a quarta edição da NT&TT Show, única feira da cadeia produtiva de não tecidos e tecidos técnicos da América do Sul. Programado para de 26 a 28 de outubro, no Expo Center Norte (São Paulo), o evento é uma grande oportunidade para divulgar novas tecnologias, conhecer novos fornecedores e ter contato com novas oportunidades de negócio. A feira englobará, além de fornecedores de não tecidos, tecidos técnicos, matérias primas diversas, insumos, máquinas e equipamentos e também convertedores. “A NT&TT Show é uma vitrine importante para o mercado, para gerar relacionamento entre os diversos elos da cadeia produtiva. Trata-se de um fórum sem igual na América do Sul para discutir tendências e oportunidades”, explica o presidente da ABINT - Associação Brasileira das Indústrias de Não tecidos e Tecidos Técnicos. Grandes inovações já foram pensadas para esta edição da NT&TT Show. Uma delas é sua nova localização, pois a feira muda do Anhembi para o Expo Center Norte, um pavilhão moderno e refrigerado. Para mais informações acesse www.nt-ttshow.com.br

Congresso debate novidades e aplicações de etiquetas inteligentes (RFID)

Etiquetas Inteligentes serão discutidas no 2º Congresso Brasileiro de RFID e Internet das Coisas, que será realizado em Búzios, entre 18 e 21 de outubro. A Identificação por Rádio Frequência (RFID) é um método de identificação automática, que funciona através de sinais de rádio, enviados por etiquetas inteligentes, que são capazes de recuperar e armazenar dados de forma remota. Essas etiquetas são usadas para monitorar processos produtivos e o ciclo de vida dos produtos, além de controlar o acesso a serviços, entre outras aplicações. O congresso tem o apoio da Fundação para o Desenvolvimento Tecnológico da Engenharia, centro de referência brasileiro no assunto. Para mais informações e inscrições acesse: <http://www.congressorfid.com.br>.



WBC COMUNICAÇÃO
Fone / fax: 41 32470569
E-mail: wbc@sulbbs.com.br
Eugenio Torres: 41 91667616
Luciana Gavloski: 41 91326135
Veronica Gavloski: 41 99291099